



ENTREVISTA

Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil: uma entrevista com Agenor Gomes

Maria Firmina dos Reis and the daily life of slavery in Brazil: an interview with Agenor Gomes

Rafael Balseiro Zin

Sociólogo, Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, onde atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp).

E-mail: rafaelbzin@hotmail.com

Síntese biográfica

Agenor Gomes nasceu em 7 de janeiro de 1956, em Guimarães, e graduou-se bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão, em 1982. Foi presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFMA, no biênio 1979-1980, além de Prefeito do município de Guimarães, entre os anos de 1989 e 1992. Em 1998, foi aprovado em concurso público para a carreira da magistratura no Tribunal de Justiça do Maranhão, onde desempenha até hoje a função de Juiz de Direito. Em 2018, finalmente, Agenor Gomes tomou posse como membro titular na cadeira de nº 6 do Instituto Histórico e Geográfico de Guimarães. Na entrevista a seguir, percorremos temas relativos à sua trajetória de vida, sua relação com o universo da pesquisa e, principalmente, sobre as novidades contidas em seu livro recém-publicado, *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil* (Academia Maranhense de Letras, 2022).

Rafael Balseiro Zin: Para iniciarmos essa conversa, Agenor, gostaria que o senhor discorresse brevemente como se deu o seu envolvimento junto ao movimento estudantil em seus anos de juventude e como sua trajetória de vida o influenciou posteriormente na escolha pela formação acadêmica no campo do Direito.

Agenor Gomes: Ingressei no curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão em 1977. Eram tempos do AI-5. A militância da minha geração foi sempre ligada às lutas pela liberdade. As manifestações estudantis ou qualquer manifestação de rua contra o regime eram proibidas. O *habeas corpus*, esse consagrado instituto do Estado de Direito, não podia ser utilizado em favor dos adversários do regime. Vivenciamos as lutas democráticas daquele período. Fui eleito presidente do Diretório Central dos Estudantes em 1979. Esse foi ano da reconstrução da União Nacional dos Estudantes, em Salvador, na Bahia, o Ano da Anistia, e o ano da conquista da meia-passagem no transporte público pelos estudantes de São Luís. No ano anterior, o início da campanha pela Assembleia Nacional Constituinte. A escolha pelo curso de Direito veio antes do envolvimento com movimento estudantil. Historicamente, os estudantes sempre estiveram ligados às lutas pela liberdade.

Rafael Balseiro Zin: Durante a graduação em Direito, o senhor pôde aprofundar o seu olhar crítico com relação às questões jurídicas, políticas e sociais mais latentes da sociedade brasileira. Como foi essa experiência e o que mais te marcou ao longo do curso?

Agenor Gomes: A falta de liberdade e a crise econômica agravavam a questão social no fim da década de 1970. O Movimento Contra a Carestia é desse período. É desafiador para um estudante de Direito ver tolhida a sua liberdade de manifestação. As universidades mantinham órgãos vinculados ao Serviço Nacional de Informações da ditadura. Nos bancos da universidade se aprende que as democracias foram criadas para evitar as tiranias e a prática do abuso do poder. Na década de 1970, os professores e os estudantes eram tolhidos para falar da “democracia brasileira” porque vivíamos, ainda, numa ditadura. Os professores, então, faziam uma enorme ginástica para falar em democracia. Recorriam à história da democracia americana para falar do constitucionalismo e da liberdade. Um fato marcante ao longo do curso foi a divulgação da sentença do juiz Márcio José de Moraes, paulista de Jacareí. Aos 30 anos, ele exarou uma sentença que é um grito de independência do Judiciário na vigência do AI-5. Ele condenou a União a indenizar a família do jornalista Vladimir Herzog, que morreu sob torturas em São Paulo. E o juiz Márcio nunca havia militado

na política, nem mesmo na política estudantil. Aquela histórica sentença foi um ato de resistência do Judiciário às restrições da ditadura.

Rafael Balseiro Zin: No biênio 1979-1980, o senhor assumiu a presidência do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Maranhão, em pleno regime ditatorial no Brasil. Conte-nos um pouco como surgiu o seu interesse pelo movimento estudantil no ensino superior e quais foram os principais desafios enfrentados pela sua gestão à época, considerando a presença dos militares no poder.

Agenor Gomes: Na década de 1970 a palavra liberdade era subversiva. Eu me recordo que nós, do DCE, passamos a usar camisas com um belo verso do hino do Maranhão sobre a liberdade: “A liberdade é o sol que nos dá vida”. Afirmávamos que se havia subversão, ela estava oficializada no Hino do Maranhão. O principal desafio do Diretório Central dos Estudantes foi liderar a luta pelo direito à meia passagem para os estudantes no transporte público de São Luís. A reivindicação não se limitou aos estudantes universitários. Incluía os secundaristas, estes em maior número. Quinze mil estudantes reuniram-se na principal praça da cidade, mas a repressão fez 400 presos, dezenas de feridos e 18 indiciados na Lei de Segurança Nacional da ditadura. A meia passagem, porém, foi conquistada no mês de setembro de 1979. Foram tempos febris aqueles anos. Em toda manifestação ficava patente a luta pelo retorno à democracia.

Rafael Balseiro Zin: Entre os anos de 1989 e 1992, o senhor desempenhou a função de Prefeito do município de Guimarães, sua cidade natal. Como surgiu o seu interesse pela política institucional e qual é a sua relação, hoje em dia, com o fazer político cotidiano?

Agenor Gomes: Fui eleito prefeito da minha terra natal em 1988, quatro anos depois da Campanha das Diretas-já. O ano de 1988 foi o ano da Assembleia Nacional Constituinte e da promulgação da nova Constituição da República. O interesse pela política renasceu na universidade. Com as constantes divisões administrativas, Guimarães ficou com uma área territorial pequena, com cerca de 12 mil habitantes,

no litoral ocidental do Maranhão. A cidade tem cerca de cinco mil habitantes e enormes desafios. Duas baías separam o município da capital São Luís. Não dispõe de faculdades. Demos prioridade à educação numa época em que ainda não havia o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb). Os gestores seguintes também o fizeram. Guimarães passou a ser um dos municípios do Litoral Ocidental com o maior nível de escolaridade. Cumprido o mandato e com o sucessor eleito, entrei na Escola da Magistratura do Maranhão. O meu desejo, na década de 1970, era obter a aprovação no curso de Direito e entrar para a magistratura, mas as lutas da minha geração pela Redemocratização me conduziram para a militância política. Minha militância se encerrou quando entrei para a magistratura há 23 anos, mas ficou um grande aprendizado na vivência com os dramas humanos, num estado que ainda detém altos índices de pobreza.

Rafael Balseiro Zin: Em 1998, o senhor foi aprovado em concurso público para a carreira da magistratura no Tribunal de Justiça do Maranhão, onde desempenha até hoje a função de Juiz de Direito. Da carreira na magistratura para o universo da pesquisa, como se deu essa transição? Em outras palavras, Agenor, como é ser pesquisador atuando enquanto Juiz de Direito, função igualmente complexa e que também demanda tempo e dedicação?

Agenor Gomes: O meu trabalho de pesquisa só pode se dar nas férias. Passei três anos pesquisando para concluir o *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. Para mim, pesquisar é algo prazeroso. É uma fonte de prazer e de conhecimento.

Rafael Balseiro Zin: Em março desse ano, o senhor publicou em São Luís, em parceria com a Academia Maranhense de Letras, o seu primeiro livro, intitulado *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. Resultado das suas pesquisas feitas em fontes primárias alocadas em arquivos públicos e particulares do estado do Maranhão, como surgiu o seu interesse em investigar a trajetória de vida da primeira romancista do Brasil?

Agenor Gomes: O interesse em investigar a trajetória da nossa primeira romancista surgiu a partir de uma palestra na 11^a Feira do Livro de São Luís, a FeliS, em 2017, que homenageava Maria Firmina dos Reis. Fui representar o Instituto Histórico e Geográfico de Guimarães, como moderador em uma palestra da Professora Dilercy Adler, da Academia Ludovicense de Letras. A feira trouxe a São Luís uma gama de escritores dedicados à pesquisa da obra da romancista e da literatura afro-brasileira: Luiza Lobo, Ana Maria Gonçalves, Eduardo de Assis Duarte, Algemira Mendes Macedo, Rafael Balseiro Zin, Paulo Lins, além de outros. Percebi que havia um grande interesse do auditório, integrado por estudantes da Universidade Federal do Maranhão e de outras faculdades de São Luís, além de pesquisadores do Sudeste sobre a vida da romancista em Guimarães, onde ela escreveu toda a sua obra literária e está sepultada. A única biografia da romancista havia sido publicada há 41 anos, em janeiro de 1976, em pesquisa pioneira do escritor José Nascimento Morais Filho. Finalmente consegui publicar o livro em março deste ano, com o apoio da Academia Maranhense de Letras e, na divulgação, com o Instituto Da Cor ao Caso.

Rafael Balseiro Zin: Aguardado ansiosamente por todos aqueles que se interessam pela vida e obra de Maria Firmina dos Reis, e recheado de novidades sobre a trajetória de vida e o legado artístico da romancista, quais foram as suas principais descobertas anunciadas nesse importante estudo, Agenor?

Agenor Gomes: A pesquisa traz cerca de 15 documentos que ainda eram desconhecidos sobre a vida da nossa romancista. Por exemplo, o registro de óbito de sua avó Engrácia, que havia sido escrava do Comendador Caetano José Teixeira, um dos maiores traficantes de negros escravizados da costa da Guiné para o Porto de São Luís; o registro de óbito de Leonor, a mãe de Maria Firmina, que se transferiu para Guimarães ainda na primeira metade do século XIX e onde está sepultada; a constatação de que João Pedro Esteves, pai de Maria Firmina, integrava a Companhia Franca do Maranhão, na patente de furriel e, depois, na de tenente; as escrituras das duas casas onde ela residiu e escreveu *Úrsula* e *Cantos à beira-mar*, na Praça Luís Domingues, em Guimarães; o local da residência da sua tia Henriqueta Romana dos Reis, na Rua do Alecrim, nº 46, em São Luís, onde Maria Firmina se

hospedava quando viajava para a capital; as procurações com a letra miúda da professora, para recebimento de seus proventos; os registros de batismos de seus filhos socioafetivos; árvore genealógica da família de Maria Firmina, com 70 parentes, além de outros documentos. O livro tem 362 páginas distribuídas em 13 capítulos. Pode-se, nele, constatar que por dois anos e dois meses, de agosto de 1860 a outubro de 1862, os jornais *A Imprensa*, *A Coalizão*, o *Publicador Maranhense* e outros periódicos da capital publicaram anúncios da venda do romance *Úrsula*. No ano de 1861, o jornal *A Imprensa* publicou o anúncio da venda de *Úrsula* em 42 das 103 edições do jornal. Nenhum outro livro teve tantos anúncios publicados nos jornais de São Luís nesse período.

Rafael Balseiro Zin: Em março de 2018, o senhor tomou posse como membro titular na cadeira de nº 6 do Instituto Histórico e Geográfico de Guimarães, entidade fundada no início daquele ano com o intuito de fomentar o estudo e a divulgação de temas ligados à História, à Geografia e à Cultura maranhense, em particular, àqueles relacionados ao município de Guimarães. Como a sua presença nessa importante instituição contribuiu para o levantamento de informações inéditas referentes à vida e à obra da Firmina?

Agenor Gomes: O Instituto Histórico e Geográfico de Guimarães tornou-se um polo de divulgação da vida e da obra de Maria Firmina dos Reis. Há de se destacar que o nome do IHGG é Casa de Maria Firmina dos Reis e, nos últimos anos, o Instituto vem prestando uma grande contribuição na realização da *Semana Literária Maria Firmina dos Reis*, iniciativa do Centro de Ensino Nossa Senhora da Assunção e da Prefeitura de Guimarães. A Semana Literária realiza-se na cidade há 15 anos. Na sede do IHGG, na Praça Luís Domingues, pode-se encontrar a pintura da Escola Mista de Maria Firmina dos Reis em Maçaricó, de autoria do pintor vimezanense Luzinei Araújo, além de pinturas obtidas a partir do retrato falado da escritora, bem como vários documentos relacionados à vida e a obra da romancista.

Rafael Balseiro Zin: Considerando que o seu livro de estreia já está publicado e que ele veio para contribuir sobremaneira com os estudos firminianos, o senhor já tem em mente quais serão os seus próximos passos no âmbito da pesquisa? Se sim, a Firmina segue em seus planos?

Agenor Gomes: Publicar um livro é algo extremamente trabalhoso, você sabe, e, nesses últimos três anos, dediquei os meus períodos de férias da magistratura para pesquisar documentos e escrever esta biografia de Maria Firmina. Mas, nas próximas férias, quero descansar um pouco e estar junto da minha família. Por enquanto, não tenho planos de novas pesquisas. Mas quem sabe no futuro?

Rafael Balseiro Zin: Para finalizar, Agenor, considerando o atual cenário de estrangulamento das políticas voltadas para o ensino superior no Brasil, bem como a escassez de recursos que deveriam ser destinados para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no país, qual ou quais conselhos o senhor daria para as atuais gerações de pesquisadores, que vêm se deparando com enormes dificuldades para seguir adiante com a empreitada?

Agenor Gomes: É preocupante o atual cenário do ensino superior no Brasil, mas não podemos deixar de perseverar. Tudo passa pelo fortalecimento das nossas instituições democráticas. Com as instituições fortalecidas, estruturadas na nossa Constituição, poderemos avançar na Educação, no desenvolvimento da ciência e da tecnologia e em todos os campos do conhecimento.

Rafael Balseiro Zin: Foi um prazer ouvi-lo, Agenor. Em nome da comissão editorial e dos leitores da *Revista Café com Sociologia*, deixo registrado aqui os meus mais sinceros agradecimentos por essa rica entrevista.

Referência

GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. Prefácio de Luiza Lobo. Posfácio de José Ewerton Neto. Orelha do livro de Lourival Serejo. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2022.

Entrevista realizada em: 15 de outubro de 2022.

Aceita para publicação em: 25 de outubro de 2022.

Nota:

O mais novo livro do Agenor Gomes encontra-se disponível na Livraria da Associação Maranhense de Escritores Independentes, a Amei, no São Luís Shopping, localizado na Avenida Professor Carlos Cunha, nº 1000, em São Luís do Maranhão. Para compras feitas pela internet, o livro pode ser adquirido tanto na loja virtual da Amei (www.ameilivraria.com) quanto na plataforma Amazon Brasil (www.amazon.com.br).



Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil
(imagem de capa)